

Alexandre Machado
Da equipe do Correio

O SONHO PIONEIRO DE VENCER EM BRASÍLIA
FOI ESCULPIDO EM BARRO VERMELHO. DO PÓ ACUMULADO NA BARRAS DE CALÇAS, EMPAPADO NO SUOR, PIONEIROS RETIRARAM O ELEMENTO PARA LEVAR À FRENTE O DESEJO DE FICAREM RICOS. ERA A EXCITAÇÃO PROVOCADA PELA NOVA CAPITAL. UNS, COM AVAL DO DESTINO, FORAM BEM SUCEDIDOS. A OUTROS, O FUTURO RESERVOU MÁS LEMBRANÇAS.

E, quarenta anos depois, não são sonhos que lançam a mão-de-obra a milhares de quilômetros, em direção ao rude do clima insensato de Brasília. É necessidade de participar desse "oásis", no qual, teoricamente, a divisão de renda privilegia o trabalhador empregado no Distrito Federal. Pura e simples sobrevivência. Poderia ser em São Paulo, ou o Rio de Janeiro. Mas em Brasília o susto é menor — aqui há parentes que tentaram a sorte, antes. Tios, tias, irmãos que têm um lar, um lugar para morar, abrigo para os punhos cerrados da capital aos imigrantes.

São os ecos satisfeitos desses parentes que ressoam, sobretudo, em estados como Piauí, Paraíba, Maranhão, Alagoas, Bahia e Minas Gerais. E o canto da seia do lago Paranoá empurra gente como o operário Francisco Rocha dos Santos, o *Rochinha*, de 31 anos, a uma ilha de paraíso que sobrevive apenas até os primeiros surtos de solidão. Um sentimento, entre tantos testemunhados pela equipe do *Correio* desde agosto de 1999, quando a reportagem começou a acompanhar, em alguns canteiros de obras, a jornada dos novos *candangos* — no Setor Sudoeste, na Asa Norte, no setor hoteleiro.

Rochinha, servente de serviços gerais do canteiro de obras da Procuradoria Geral da República (PGR), foi um dos entrevistados. Ele é um dos 26 mil trabalhadores da construção civil empregados em Brasília, segundo levantamento da Codeplan, realizado em janeiro de 1999. Escapou da informalidade de que arrebanha cerca de 15 mil operários em carteira assinada, e trabalhando em pequenas reformas.

VIAGEM ATRÁS DE EMPREGO

O trabalhador da construção civil tem ainda um perfil etário definido pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção e no Mobiliário (STICMB), Edgar de Paula Viana, baseado também na pesquisa da Codeplan. Segundo Viana, o operário é, em geral, do sexo masculino e tem entre 18 e 30 anos.

Nascido em outros estados, onde os salários são mais baixos, ele viaja atrás do emprego. E, por paradoxo, sonha em conseguir dinheiro, e realizar o sonho da volta à terra natal. Com o suficiente para comprar casa na cidade ou terra para cultivar. Mas, antes de tudo é preciso arranjar trabalho. "Eu vim a Brasília pela primeira vez em 1989. Trabalhar na serralheria de um tio. Tava fraco (*o movimento*). Voltei para casa depois de seis meses", recorda o servente Rochinha. "Acabei voltando para cá em 1997."

Da segunda vez, deu sorte o piauiense de Demerval Lobão, a 28 quilômetros de Teresina. Depois de trabalhar na construtora Musa, arranjou emprego na Serveng-Civilsan, empresa onde ganha R\$ 220, com desconto.

ADIFÍCIL

Carlos Vieira



APERTO NO CORAÇÃO

Francisco Rocha dos Santos veio do Piauí para trabalhar como servente de serviços gerais. Dorme no alojamento do canteiro de obras onde trabalha, e sente a falta dos parentes: "Dá um aperto no coração. Dá saudade da mãe, da família..."

Antes, tentou jogar futebol. Porém, não tinha o mesmo talento de seu irmão, Carlito, que joga hoje no Flamengo do Piauí. "É um dos dois grandes times da cidade (Teresina)."

Se a bola não foi solução para a vida de escassez, pelo menos hoje serve de consolo, em raros momentos nos quais uma escala social particular, a das quatro linhas da "pelada", lhe confere status de estrela. Em um microuniverso cuja luz é faísca rara em olhos que brilham mais por necessidade do que por felicidade.

No entanto, é errado pensar que na construção civil carregam-se pedras como se fossem cruzes. Não é raro ouvir a explicação: "Moço, somos felizes sendo pedreiros. A gente nunca fez outra coisa, como vamos sa-

ber como são os outros tipos de felicidade? Pode parecer triste pros outros, pra nós, não".

SOLIDÃO E AMIZADES

Rochinha é um dos mais de 20 alojados no canteiro da Serveng-Civilsan. Todos donos de rotinas similares: acordam por volta de 6h30 e deixam o trabalho às 17h. O fim de semana se resume ao domingo, quando o descanso pode significar uma volta no Conjunto Nacional e limitar-se a observar vitrines que sequer engordam a lista de seus desejos. Vez ou outra, um chopp aqui. Um perfume da Avon, acolá. Isso se os operários não ficarem no próprio

alojamento, padecendo de solidão. "Dá um aperto no coração. Saudade da mãe, da família. Se a gente fica doente, são os alojados que ajudam, chamam táxi e levam pro hospital. Isso quando não vai de ônibus mesmo", conta Rochinha.

Há alegria também. E ela chega na hora do almoço. Qualquer que seja a atividade, ela não é mais importante do que, às 12h, conseguir um bom lugar na fila do refeitório. Em geral, os operários têm uma hora para comer. Usam, no mais das vezes, 20 minutos para engolirem fatos pratos. Uma pressa que, não raro, provoca indisposição nos trabalhadores. A duração de 60 minutos deve-se ao horário de liberação diária, 17h, de segunda a quinta, e 16h, na sexta. Os empregados preferem descansar

sar menos durante a semana e sair mais cedo na véspera do fim de semana.

Na pequena elevação de alimentos formada com feijão, carne (frango e carne bovina), macarrão e arroz, não pode faltar farinha. E, depois de alimentados devidamente, não podem faltar a sesta, sob a sombra das árvores, que vão sumindo à medida que a obra avança.

Para o grupo da central de concreto — que fornece cimento para a obra da PGR — o almoço é mais que um momento de descanso. É confraternização. O chefe, Inácio de Souza, está há 27 anos na Serveng-Civilsan. Mais da metade de seus 46 anos. "Troquei de dentes nessa empresa", garante.

Inácio trabalha com oito operadores. Entre eles, os amigos

de longa data José Avelino e Geraldo Andrade Neto. Que na hora do almoço viram *Bibi* e *Maria Preta*, nas rodas de baralho, ou em jogos de dama. Tanta união os leva a almoçarem separados do restante dos operários da Serveng, que atendem o contingente que já chegou a 1 mil trabalhadores. "Horário de almoço é tudo junto. Aqui não tem negócio de maloca (*esconder-se*). Trabalhá é trabalhá, brincá é brincá."

Até sair da empresa. "Quando saio para a realidade, vou direto para casa. E final de semana, vou ao Conjunto Nacional. Às vezes, tomo chopp. É difícil, só tomo quando encontro colega. Tenho amigos variados, e, quando saio do portão, meu negócio é outra coisa, a obra ficou para trás. Não gosto de encontrar com uma pessoa chata, que você encontra e já vem falando de negócio de obra, quanto você ganha".

Por falar em salário, Inácio, como operador da central recebe "uns" R\$ 800. Mais o salário da aposentadoria, de R\$ 976, que lhe possibilitou comprar "uma biroscá lá no Santo Antônio (Santo Antônio do Descoberto, cidade goiana a 44 Km do Plano Piloto)".

É possível se estranhar que o operador receba salário como aposentado. Mas em sua atividade, a insalubridade lhe garantiu aposentadoria especial, com 25 anos de serviço. Por mexer com produtos químicos. É uma situação comum entre os empregados da construção civil a aposentaria por tempo de serviço e a recontratação pela empresa.

"Também tenho uma casa no Guará, mas tá com minha ex-mulher. Tinha carro, mas vendi. O último agora foi um fusquinha. Tive Brasília e Corcel. Não gosto de carro. Só na hora de fazer as compras, quando lembro que tenho que carregar as compras na mão. Carro é duas famílias. Você gasta o dobro", compara Inácio. Que aproveita os finais de semana para divertir-se com os filhos, ou repousar em sua casa, longe das lembranças de seu emprego.

QUEM VAI, QUEM FICA

Inácio mora em Brasília. E poderia estar morando em Maceió (AL), Belém (PA), Anápolis, Catalão (GO) ou Araxá (MG), cidades distantes de Brasília para onde a empresa deslocou. Entre uma mudança e outra teve três casamentos, e três filhos: Igor, Luciano e Francisco. Segundo ele, são as justificativas de seus esforços.

E mais, são motivos suficientes para o operador gostar de Brasília. Diferente do carpinteiro Adailton Soares, um dos entrevistados pela equipe do *Correio* no início dessa reportagem, em agosto do ano passado.

Na primeira vez que falou com o jornal, Adailton era morador do alojamento da Serveng. O emprego, como ocorre na maioria das vezes nesse tipo de atividade, foi por indicação de um tio. É uma forma de se manter a tranquilidade nos canteiros de obras. Se uma pessoa der problema, aquele que a indicou sente-se responsável pela querela. Sendo assim, há uma espécie de pacto entre os contratados que ajuda a manter a calmaria nas empresas. E esse é apenas um dos mecanismos de controle entre os operários. Outro é a lei tácita dos canteiros de obra: "Com homem não se grita!"

ESTADOS E QUER RETORNAR À SUA CIDADE DE ORIGEM. NA ROTINA, HÁ POUCO ESPAÇO PARA DESCANSO

JORNADA

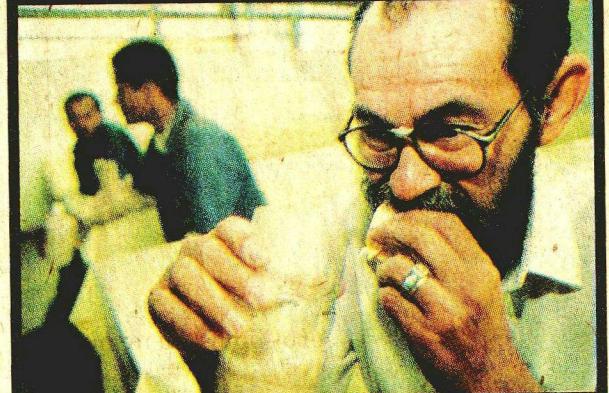
Fotos: Carlos Vieira



DIVERSÃO GRÁTIS

O domino é o jogo preferido dos operários após o almoço. Eles comem rapidamente para aproveitar o intervalo de uma hora.

VIDA DE OPERÁRIO



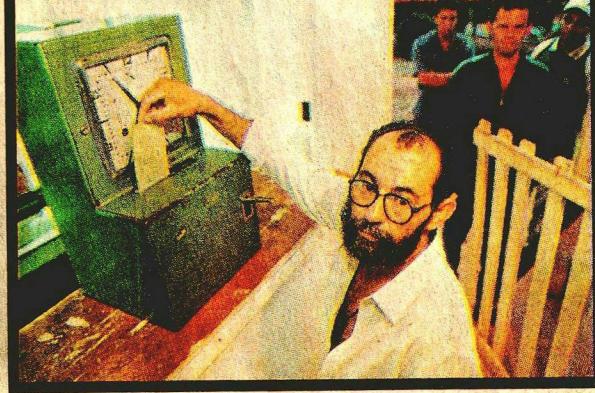
MADRUGADA

O carpinteiro Chico Botafogo trabalha no canteiro de obras do Brasil 21 (Setor Hoteleiro Sul), e não tem rotina diferente dos companheiros de trabalho. Acorda às 4h30. As vezes, toma um copo de leite. Às vezes, não come nada. Sem tomar banho, troca de roupa e segue para a parada de ônibus, próxima da sua casa, no setor P Norte da Ceilândia. As 6h, já desceu na parada próxima ao canteiro de obras no qual trabalha. Como chega cedo, Chico quase sempre toma o café oferecido pela empresa, com pão, manteiga e um copo de pingado (café-com-leite). Antes, bate o ponto. Troca de roupa e dirige-se ao serviço de carpintaria.



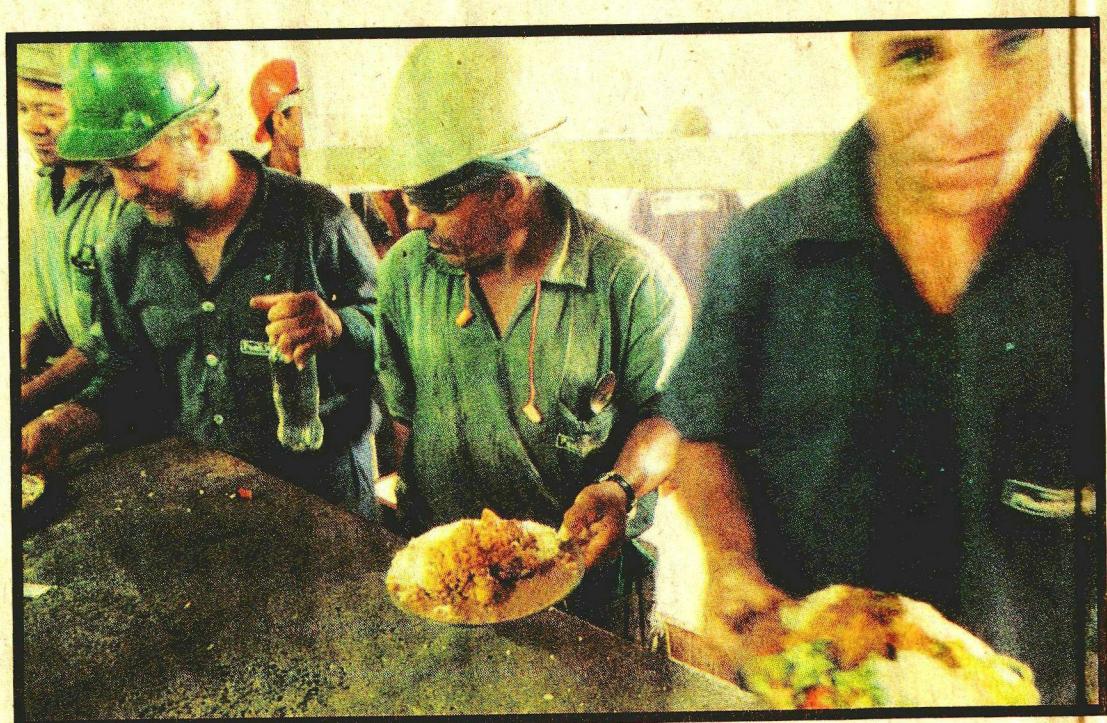
INTERVALO

O término do expediente matutino varia. Como há muitos funcionários, há dois turnos de almoço: "Tem dia que a gente almoça às 11h. Em outros, a gente almoça ao meio-dia". O intervalo demora uma hora: é comer e voltar novamente para a carpintaria. Chico não pode se descuidar em nenhum momento. Seu instrumento de trabalho, a serra, pode provocar lesões graves em um pequeno momento de desatenção. Experiente, ele está na mesma empresa há 15 anos. "Comecei no dia da morte do (jornalista) Mário Eugênio. Saí em 1990, mas não fiquei nem dois meses sem trabalhar, e voltei para a empresa.



NOITE

Em geral, o trabalho acaba às 17h. Mas, no momento, o fim do expediente é uma incógnita. "As chuvas pararam e a obra está um pouco atrasada. Vamos trabalhar todos os dias, menos na Sexta-feira da Paixão. Fazemos serão. Tem dia que pode ir até às 21h, meia-noite. Já trabalhei até duas da madrugada. E, no outro dia, não tem jeito; a gente tem que trabalhar de novo". Quando dá, Chico chega em casa às 19h. Janta e vai direto para o sofá, assistir televisão. Os programas preferidos: jogos de futebol. "Se tem jogo, vou até tarde. Quando não tem, durmo cedo. Dez da noite, ou depois do Jornal Nacional".



PRATO CHEIO

Alguns trabalhadores repetem até três vezes as refeições. No cardápio, não pode faltar nem feijão, nem farinha.

gados, oito meses depois a situação não se alterou.

Dessa forma, é possível encontrar gente que ficam à espera de novas obras, para tentar uma vaga. "Eu trabalhava aí", aponta Osvaldo Leite de Almeida, com o indicador direcionado para a PGR. "Sou profissional, trabalho de pedreiro, mas eles mandaram muita gente embora. Tô esperando uma obra da (construtora) OAS que vai começar logo aqui perto. Por enquanto, tô no seguro-desemprego."

Há 12 anos na cidade, Osvaldo está com 56 anos. Enquanto a obra da OAS não vem, ele serve fregueses em uma das duas barracas de madeira construídas ao lado do canteiro de obras da Procuradoria. "A barraca não é minha, é da mulher, a que eu vivo com ela...", justifica-se em um esforço para lembrar o nome da companheira. "É Geni o nome dela", salva-se com grito vitorioso.

Segundo Osvaldo, a barraca precisa ser vigiada 24h por dia. "O pessoal do cerrado vem e rouba se não tiver ninguém", explica, referindo-se aos moradores de uma invasão do Setor de Clubes Norte. "Não pode nem ficar fechado, eles arremetem tudo".

Acanhado com a pergunta, Osvaldo confirma que operários costumam tomar um "pequeno gole" de cachaça depois do almoço. "Mas é só um". A aguardente é da marca 51, e serve também um gole de Cortezano. Nos domingos, alojados que não recebem café no canteiro de obras fazem o desjejum na barraca de Osvaldo (ou de Geni). Pelo menos enquanto ele não vai trabalhar em outra construção.

AMOR SEM COMPROMISSO

Não é no corpo que os operários sentem o clima frio de Brasília. Sentem mais quando procuram calor em mãos que vêm carinhoso, emoções em falso-te e a sensação fugaz de que a capital, por fim, abriu-lhes os braços — ou mais que isso.

"Não arrumei namorada em Brasília. Meu tempo é muito curto. Quando a gente recebe o salário, vamos lá em Taguatinga, na Praça do Relógio. Elas cobram R\$ 30,00, por aí", conta Rochinha.

Um ex-empregado da Serveng-Civilsan, pedindo anonimato, vai mais longe. Diz que, entre os dias 4 e 7 de cada mês, pouco depois do pagamento, algumas "meninas" começam a rondar o canteiro de obras. Em trajes pouco ortodoxos, bebem na barraca dos ambulantes, dançam e terminam a festa no alojamento. Nenhum dos empregados confirmou à equipe do Correio essa informação. "Elas chegavam por volta das 16h30 e 17h. Ficavam a noite inteira, pelo menos no tempo em que trabalhei no canteiro da Serveng-Civilsan", reforça o anônimo.

Os quartos onde ficam os alojados são exígios. Divididos entre vários moradores, são de madeira, o que faz de qualquer tentativa para permanecer alojado, naquele espaço abafado durante o dia, um ritual penitente. A decoração limita-se as cordas simulando varais, atravessando a parte superior dos barracos.

A sensação de claustrofobia seria boa razão para que escasseassem os "serviços em domicílio" de prostitutas, que os operários passaram a encontrar cada vez mais longe do local de trabalho. "Para desafogar, a gente tem as pessoas certas, sem compromisso", brinca o operador Inácio de Souza.

"A gente procura ter relação com as pessoas que a gente conhece. Não é que nem naquela época (década de 70) em que você encarava o que vinha pela frente. Era pau e pedra e morria, aquela negada que ficava acampada. A mulher fazia fila no cerrado, antigamente era assim. Você ficava olhando, só via a perna subindo e descendo. Agora é mais difícil. Tem que ir nas cidades satélites, para a gente sair com essas mulheres erradas."

Errado ou certo, é o tipo de amor que muitas vezes consola. E ao qual eles se apegam a cada vez como se fosse a última.

Leis à parte, oito meses depois, quando do retorno ao canteiro da Serveng-Civilsan, a reportagem do Correio constatou que o desejo de Adalton não se alterara. Mais ainda: havia se concretizado. Há cinco meses, ele voltou para o Maranhão. Foi trabalhar na roça, com a mãe. Já não precisa passar intermináveis finais de semana diante da televisão, só para economizar dinheiro e garantir a volta a Caxias (cidade distante 100 quilômetros de São Luís).

A sinal foi diferente da de sêo Preto, nome de Francisco de Assis, um eletricista, aposentado e novamente na ativa, que veio para Brasília em 1957. E continua trabalhando. Ele é encarregado do setor de eletricidade na Serveng-Civilsan. Veio para a capital, a princípio, para ser servente de pedreiro. Surgiu uma vaga de eletricista. Ele não sabia

o ofício. "Mas disse que sabia e fui aprendendo. E ganhei três vezes mais do que ganharia como servente", diverte-se. Pioneiro, ele participou da instalação da parte elétrica do Congresso Nacional e do Palácio do Itamaraty, além da construção da quadra 110, na Asa Sul.

DO LADO DE FORA

Se o levantamento da Codeplan, referente a janeiro de 1999, apontava 26 mil trabalhadores com carteira assinada — os fixados —, ele também mostrava que o setor comporta 40 mil vagas. A diferença engloba desempregados e trabalhadores do setor informal, atuando em pequenas obras. Segundo o presidente do sindicato dos empre-